ISSN 2316-6576, DOI: 10.71101/RTP.v58.805

Adorno e a teoria freudiana: contribuições epistemológicas para o campo psicanalítico

Raphael Santos das Mercês[*]
Mauricio Rodrigues de Souza[**]

Resumo

O presente artigo se propõe a sistematizar alguns aspectos centrais do pensamento de Theodor Adorno, enfatizando sua relação com a teoria freudiana e suas possíveis contribuições para a filosofia da psicanálise. Para tanto, partiu-se de uma pesquisa teórica de cunho exploratório e bibliográfico na qual foram mobilizados textos de Freud e Adorno, assim como de alguns proeminentes comentadores de ambos. Em termos conclusivos, defendemos que a apropriação que Adorno faz da psicanálise a circunscreve enquanto uma reflexão crítica sobre o *ethos* da autodeclarada cultura "civilizada" e seus violentos processos de subjetivação, ao mesmo tempo em que implica, também, a fecundidade de se considerar a psicanálise não como uma disciplina fechada, mas em seu caráter disruptivo quanto à própria divisão do trabalho no campo do saber.

Palavras-chave: Psicanálise; Teoria Crítica; Adorno, Theodor; Freud, Sigmund.

Adorno and Freudian Theory: epistemological contributions to psychoanalytical field

Abstract

The present paper aims to systematize some central aspects of Theodor Adorno's thinking, emphasizing its connections with Freudian theory and its contributions to the philosophy of psychoanalysis. For this purpose, we

[*] Doutorando pelo Department of Global Humanities da Simon Fraser University (SFU).

[**] Professor Titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (Faculdade de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia).

conducted a theoretical, exploratory, and bibliographical research in which we mobilized Adornian and Freudian writings as well as some of the most prominent commentators about them. In conclusive terms, we argue that Adorno's use of psychoanalysis circumscribes it as a critical reflection on the ethos of the so-called "civilized" culture and its violent processes of subjectivation, while also implying the fruitfulness of considering psychoanalysis not as a closed discipline, but in its disruptive character with respect to the very division of labor in the field of knowledge.

Keywords: Psychoanalysis; Critical Theory; Adorno, Theodor; Freud, Sigmund.

Adorno y la Teoría Freudiana: contribuciones epistemológicas para el campo psicoanalítico

Resumen

El presente artículo se propone a sistematizar algunos aspectos del pensamiento de Theodor Adorno, enfatizando sus relaciones con la teoría freudiana y sus potenciales contribuciones a la filosofía del psicoanálisis. Para estos fines, partió de una investigación teórico de cuño exploratorio y bibliográfico en la cual fueron movilizados textos de Freud y Adorno, así como de algunos destacados comentaristas de ambos. En términos conclusivos, defendemos que la apropiación que Adorno hace del psicoanálisis lo circunscribe como una reflexión crítica sobre el ethos de la autoproclamada cultura "civilizada" y sus violentos procesos de subjetivación, a la vez que sugiere la fecundidad de considerar el psicoanálisis no como una disciplina cerrada, sino en su carácter disruptivo respecto de la división del trabajo en el campo del saber.

Palabras clave: Psicoanálisis; Teoría Crítica; Adorno, Theodor; Freud, Sigmund.

O presente artigo pretende sistematizar alguns aspectos centrais do pensamento de Theodor Adorno, enfatizando sua relação com a teoria freudiana e suas contribuições para o campo psicanalítico. Com isso, pretendemos partir do modo como Adorno se apropria da psicanálise a fim de interpelá-la em termos de seu estatuto epistemológico.

É evidente que o recurso de Adorno à psicanálise assume formas distintas a depender do objeto implicado em cada situação. No entanto, julgamos ser possível discriminar uma orientação geral em relação à qual se organizam

as aplicações psicanalíticas no interior deste quadro teórico e conceitual. Haveria, portanto, uma lógica subjacente à apropriação da teoria de Freud por parte de Adorno. Uma lógica que, como sugerimos, recoloca o problema do estatuto epistemológico da psicanálise, a sua interação com as demais disciplinas científicas e destas entre si e com o restante da vida social.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa fundamentalmente teórica, de cunho exploratório e bibliográfico (Gil, 2008). Para realizá-la, debruçamo-nos sobre as obras de Adorno e de Freud, bem como de alguns entre seus mais proeminentes comentadores. No caso do primeiro, destacam-se fontes essenciais, como *Dialética do esclarecimento*, mas também trabalhos menores e mais específicos, artigos, ensaios, transcrições de aulas, debates, entrevistas e conferências que apontam diretamente para o problema da relação entre psicologia e sociedade, frente ao qual, com frequência, Adorno recorreu à psicanálise. No caso de Freud, destacam-se os textos culturais, como *Totem e tabu* e *O mal-estar na cultura*, mas também obras seminais da psicanálise, como, por exemplo, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Obras que nos permitem construir uma noção ampla sobre a concepção que Freud nutria sobre o que era e como funcionava, afinal de contas, a psicanálise. Articulando essas referências, procuramos aliar uma atitude historicamente prudente a uma abordagem conceitualmente rigorosa, combinando o método da leitura estrutural de textos à sua contextualização tanto na ordem lógica do pensamento dos autores estudados quanto na ordem histórica, isto é, as circunstâncias nas quais surgiram e se desenvolveram tais pensamentos (Simanke & Caropreso, 2018). De modo que o choque entre as arquiteturas teóricas e os contextos sócio-históricos que lhes serviram de substrato material possibilita uma apreciação criteriosa do sentido de certas noções, conceitos e proposições, bem como seu destino, suas linhas de continuidade e descontinuidade.

Sabe-se que existem, em âmbito nacional e internacional, diversos esforços no sentido de melhor compreender a obra de Adorno e a sua face voltada para a psicanálise - ou, como queiram, seu conteúdo propriamente psicanalítico. Entretanto, dada a complexidade deste assunto e a variedade de desdobramentos que ele comporta, não é possível afirmar que se tenham esgotado as palavras a seu respeito. Nossa contribuição transita entre a psicologia, a teoria social e a teoria do conhecimento,

mas incide mais enfaticamente sobre o campo da filosofia da psicanálise. Pois vislumbramos a possibilidade de derivar dessa discussão o esboço de uma proposta de psicanálise associada a uma Teoria Crítica marxista cuja concretização, como o Lacanismo - escola atualmente hegemônica nos círculos psicanalíticos -, também engloba a crítica das categorias e dos procedimentos idealizados pela ciência moderna, mas por outros meios. Sendo Adorno apenas um nome entre tantos outros passíveis de serem lembrados no que se refere a essa corrente, também conhecida como Freudomarxismo - de Wilhelm Reich a Otto Fenichel e seu círculo de psicanalistas politicamente engajados (Jacoby, 1983).

Neste sentido, nossa abordagem se justifica partindo do princípio de que toda proposição psicanalítica, uma vez reconhecidas as limitações de Freud, deve comportar sempre uma atitude de criticismo quanto aos seus critérios de validade. Ou seja, deve implicar uma problematização concernente ao método freudiano e às condições de possibilidade de conservá-lo; deve recuperá-lo, porém, atualizando-o. Conforme estabelecido por Mezan (2019), os critérios de validade aos quais nos referimos acima remontam à referência cultural e, portanto, ao modo como Freud articulava seu pensamento e sua experiência clínica a uma teoria social determinada, concedendo-lhes valor científico de aspirações universalizantes.

Não à toa, os continuadores da psicanálise tiveram de confrontá-la com duras exigências de reformulação nesta esfera, afastando-se das referências evolucionistas e positivistas de Freud, assim como de seu ideal de ciência (Augras, 1982). A presente pesquisa se circunscreve como uma tentativa de sistematização que procura lançar luz sobre como Adorno particularmente sugere tais reformulações, situando a psicanálise no centro da sua abordagem crítica e interdisciplinar. O resgate da perspectiva adorniana para o campo psicanalítico se justifica primeiramente pela cada vez mais evidente atualidade das suas contribuições, tendo-se em vista, por exemplo, o recrudescimento do fascismo na contemporaneidade (Gandesha, 2020). Além disso, considerando-se a cristalização de uma ideologia lacaniana e o consequente risco de saturação de suas tentativas de articulação com políticas emancipatórias que isso implica - e, em uma outra esfera, as polêmicas proposições de cursos universitários de psicanálise, que não obstante sua absurdidade colocam em questão o estatuto da disciplina -, acreditamos

ser este o momento propício para uma reavaliação do campo psicanalítico. Para tal empreendimento, nada como se engajar com esses estranhos, mas nem tão estranhos assim, como Adorno e os Freudomarxistas.

Em termos estruturais, na primeira seção do artigo discorreremos sobre alguns aspectos mais gerais da experiência intelectual de Adorno. Na segunda, iremos nos ocupar mais especificamente da sua relação com a psicanálise. Por fim, apresentamos as nossas considerações finais. Nelas defendemos que a apropriação que Adorno faz da psicanálise implica a consideração de certas transformações no âmbito dos processos sociais objetivos se comparado aos tempos de Marx, transformações tais que possibilitaram o tipo de inflexão que Adorno empreendeu em direção ao cultural e subjetivo, circunscrevendo a psicanálise enquanto uma espécie de ética filosófica, ou talvez mais precisamente, uma reflexão crítica sobre o *ethos* da cultura ocidental "civilizada" e seus violentos processos de subjetivação. Implicando, também, a fecundidade de se tomar a psicanálise não enquanto uma disciplina fechada, com seu objeto e método perfeitamente delimitados, mas por seu caráter disruptivo quanto à própria divisão do trabalho no campo do saber e suas consequências sociais e políticas.

As condições de expressão do pensamento crítico no mundo decaído

Em linhas gerais, a experiência intelectual de Adorno pode ser descrita como uma tentativa de resgate do campo da crítica social fundada em uma dialética materialista, com aspirações emancipatórias em relação às estruturas de poder vigentes sob a cultura capitalista industrial (Safatle, 2019). A imagem da totalidade fragmentada, reflexo das condições objetivas de seu tempo, parece ser o que substancialmente representa a configuração de tal experiência que, em sua essência, coaduna os primeiros pressupostos estabelecidos por Marx e Engels (1845/2019) em *A ideologia alemã* quanto ao imperativo de se partir sempre da terra em direção ao céu, e não o contrário. Uma experiência que valoriza, portanto, o encontro franco com as condições materiais de produção da vida, as quais vinham sofrendo, desde inícios do século XX, profundas transformações nos países economicamente desenvolvidos.

A propósito deste contexto, Jay (1988) faz recair sobre a obra de Adorno metáforas que lhe eram caras. Trata-se aqui da metáfora da "constelação", termo tomado de Walter Benjamin: "...para designar uma agregação justaposta, mais do que integrada de elementos mutáveis que resistem à redução a um denominador comum, a um núcleo essencial ou a um princípio gerador original", e a do "campo de forças": jogo de "atrações e aversões" constituintes de uma "estrutura dinâmica e em transmutação" (p. 16). Tais montagens concebem o sentido "paratático" do pensamento de Adorno, que reluta em admitir a prevalência de um elemento específico sobre outro. Mas em vez de se reduzir a um "caos relativista", esta escolha - por não escolher definitivamente - resulta em um "modelo dialético de negações", um movimento "incansavelmente hostil ao momento de reconciliação triunfante que concluía tradicionalmente o processo dialético" (p. 17).

Quanto aos elementos apontados por Jay (1988) ao aplicar tais metáforas à experiência filosófica de Adorno, destacam-se: "... cinco pontos primários de luz e energia". Esses cinco pontos, que podemos chamar de estrelas ou forças, são: 1) a mais intensa e mais radiante: a tradição heterodoxa do marxismo ocidental; 2) a segunda mais relevante: o modernismo estético, que teria tido grande influência em seu estilo de escrita "atonal" e no estabelecimento de um emaranhado entre crítica da razão e crítica da subjetividade; 3) o "conservadorismo cultural mandarinesco", que por vezes o teria orientado de modo regressivo; 4) a estrela ou força que adquire maior impacto com os desdobramentos da ascensão nazista e no período do pós-guerra ante uma Alemanha indisposta a elaborar o passado recente: a estrela da autoidentificação judaica, visto que o pai de Adorno era judeu convertido ao protestantismo; e 5) suas vinculações com o desconstrucionismo, pois, por intermédio de Walter Benjamin, Adorno estaria conectado a figuras como George Bataille e Roger Callois (p. 17). Por último, coloca-se ao pé desta listagem a possibilidade de acrescentarmos ainda pelo menos uma sexta estrela ou força: a psicanálise.

O primeiro elemento, a tendência mais proeminente, é tão relevante que, ao descrever a experiência intelectual de Adorno, Jay (1988) a representou a partir de uma associação direta com a experiência de Karl

Marx. Este último teria feito, à sua época e à sua maneira, a filosofia operar uma descida "enérgica e agressiva" ao mundo material a fim de efetivamente disputar a definição das estratégias de realização da utopia no mundo moderno. A ênfase de Adorno, no entanto, aproximava-se à abordagem do Instituto de Pesquisa Social, e recaía mais destacadamente sobre questões ligadas ao "aspecto existencial" da teoria marxiana, privilegiando, por exemplo, os conceitos de alienação, ideologia e reificação, e desinvestindo, por outro lado, de uma prática mais explicitamente orientada à "aplicação da teoria marxiana à realidade, enquanto socialismo ou comunismo" (Neto, 2018, pp. 746-747).

Esta inflexão teórica, que não raro rendeu a Adorno duras críticas por seu eruditismo e concomitante isolamento dos conflitos de seu tempo, parece sugerir que, sob a perspectiva adorniana, o pensamento emancipador precisava, em certo sentido, reequilibrar a balança da práxis no mundo decaído, compensando a historicamente erigida negligência em relação ao polo teórico e intelectual. Em certo sentido, foi senão por isso que, segundo Adorno (2009), a filosofia teria perdido seu momento de realização, permanecendo viva como momento indispensável à prática emancipadora. Tal desequilíbrio se manifesta nitidamente em sua crítica ao positivismo, mas também na sua leitura dos atributos das massas fascistas, em especial na forma particular de elas passarem da ideia à ação, bem como no fetichismo que fazem da atividade e da organização (Adorno, 1968/2008, 1951/2015).

Além disto, acreditamos poder encontrar repercussões da mesma exortação a uma retomada do plano teórico exposta acima também nas admoestações que Adorno fazia aos estudantes. Sem deixar de apoiar as pautas que eles propunham, procurava adverti-los sobre a necessidade de se incluir uma reformulação do pensamento no conjunto da práxis emancipadora, e sobre o perigo de se contentar com a mera aplicação irrefletida dos modelos hegemônicos, mas com sinais invertidos, ou de se confundir as estratégias de resistência com a revolução em si mesma (Adorno, 1968/2008; Duarte, 2021). Daí o alto relevo conferido à educação na obra de Adorno, o qual, contra a premência de toda atividade mal orientada - isto é, que insiste no modelo do esclarecimento totalitário -, convida-nos a uma incansável reflexão que não cessa de

indagar sobretudo ante o que há de mais estabelecido, contribuindo assim para a construção de condições capazes de refrear aquilo que poderíamos chamar aqui de uma internalização passiva dos ideais e modelos da sociedade (Rocha, Mariano & Nascimento, 2017).

Se a experiência intelectual de Marx pôde ser representada como uma descida da filosofia ao mundo material, Jay (1988) toma a liberdade de descrever a experiência de Adorno como sendo um filosofar "em meio às ruínas" desta descida, cuja resolução, no fim, dera-se mais como "uma queda bastante infeliz" (p. 54). O maior signo dessa queda transpareceu na adesão massiva do proletariado ao nazifascismo, mesmo quando as condições materiais apontavam para a construção de uma atmosfera pré-revolucionária. Nesse ponto, podemos observar a expressão da propensão que Adorno (1955/2015, p. 71) denunciou: "...nas massas dos países altamente industrializados [...] de se entregar a políticas catastróficas, em vez de perseguir interesses racionais". O seu maior desafio, portanto, passa por como filosofar neste mundo decadente, fraturado, onde os prognósticos clássicos acerca da emancipação haviam se demonstrado insuficientes ou acabaram neutralizados, com o agente maior da revolução tendo sido, como o próprio sexo, engolfado pelo avanço da "integração" (Adorno, 1967/2015, p. 201).

Segundo Adorno (1951/2015), o que podemos observar nesta tendência é o declínio do indivíduo frente ao peso das instituições sociais. Em outras palavras: devido a fatores socioeconômicos, o estatuto da individualidade no estágio contemporâneo do capitalismo teria cada vez mais se esvaziado de sentido, não obstante seja ostensivamente defendido pelo discurso ideológico corrente. Pois cada vez mais a integração social tem abarcado as demais dimensões da vida, proliferando processos de subjetivação ancorados na identificação sadomasoquista com o poder inscrito nas relações de troca.

É notável que o pensamento de Adorno, independente da diversidade de temas que abrange e das inúmeras tradições nas quais se apoia - seja para tomar algo emprestado, seja para sugerir um contraponto - está sempre flertando com uma "metacrítica da epistemologia". Quer dizer, um exercício reflexivo que tenciona ir além da filosofia e da ciência em si mesmas, tocando seus fundamentos sócio-históricos.

Nesse empreendimento ele se opunha, de um lado, aos positivistas e, de outro, aos muitos marxistas que, conforme acreditava, reproduziam inadvertidamente a concepção idealista da relação entre sujeito e objeto. *Grosso modo*, porque o positivista não reconhecia o poder ativo e constitutivo da subjetividade na criação da realidade, tornando-se cúmplice inevitável de uma "política passiva e contemplativa" que aceita "o mundo como realidade acabada" (Jay, 1988, p. 55). Ao passo que o idealismo e alguns marxistas que não haviam escapado da sua teia de influência tiveram sim o cuidado de reconhecer o papel ativo da subjetividade, mas falharam da feita em que a conservaram em um estado puramente abstrato, filosófico ou, como queiram, transcendental.

Para Adorno, em contraste, o amálgama da filosofia com o mundo decaído constituía no fundo: "...um desenvolvimento irreversível" que assim e por isso mesmo deveria ser "encarado, ainda que de maneira dolorosa". Tanto que parte da sua tarefa ética no tocante à questão aludida acima consistia em: "...identificar a encarnação histórica concreta da subjetividade ativa postulada pelo idealismo alemão" (Jay, 1988, p. 55). Ou seja: "... registrar e tomar como base os sofrimentos e necessidades dos sujeitos humanos contingentes, em lugar de explicá-los simplesmente por meio de uma teodicéia histórico-filosófica" (p. 56).

Este ímpeto, embora perfeitamente consoante ao mergulho na realidade concreta do ser humano atual que a crítica marxiana opôs ao movimento inverso operado pelas formas da ideologia alemã, acompanhava também transformações ocorridas no seio da própria realidade social. Pois nos tempos de Adorno se tornara insuficiente uma crítica feita meramente em termos da consciência vinculada a determinados processos materiais de produção e reprodução da vida - a consciência de classe -, àquela altura anestesiada pelas concessões abertas em nome de uma um pouco menos bárbara divisão da riqueza, como era característico do capitalismo de Estado (Safatle, 2019).

Percebe-se, então, que Adorno, assim como vários intelectuais do século XX, tentou superar a visão economicista comumente atribuída aos marxistas ortodoxos, visão essa que se pautava na ideia de que "a força motriz da realidade humana" consistia no "recém-descoberto sistema de leis econômicas" (Jay, 1988, p. 75). Em seu momento histórico, como vimos,

havia ficado evidente a importância de outras esferas na determinação da realidade social. Essa transformação, afirma Cohn (1986), não implicou, contudo, em nenhuma restrição ao caráter marcadamente economicista do regime. Muito pelo contrário: o deslocamento por ela assinalado representou a máxima expansão da lógica econômica que, desta maneira, extravasou em direção aos dispositivos políticos e às demais esferas da vida.

Tomemos agora a definição de Cohen (2010), para quem as forças produtivas "são as edificações e os meios utilizados no processo de produção, de um lado, e força de trabalho, de outro", sendo os meios de produção "recursos produtivos físicos: ferramenta, maquinaria, matéria-prima, espaço físico etc.", e a força de trabalho sendo "a força física dos produtores" e "suas habilidades e seu conhecimento técnico" (p. 64). A partir dela podemos compreender a expansão da lógica economicista do atual regime como inserção da experiência subjetiva entre os recursos produtivos e a força de trabalho no decorrer das últimas transformações do capitalismo, processo que hoje assume uma configuração particularmente extrema[1].

É fato que o avanço da fragmentação, que até hoje ressoa entre as polêmicas da militância de esquerda, tornou o projeto emancipatório ainda mais complicado, desde a necessidade mais básica de melhor compreender a evolução do sistema capitalista e o seu modo de espraiamento até as questões relativas à prática mais imediata. Contudo, sendo essa condição fragmentária o reflexo de tendências sociais objetivas - isto é, tendências que apontam para uma maior complexificação das forças produtivas que agora transcendem tipificações como a terra trabalhada e abrangem também, em última instância, o cultivo do próprio desejo -, não há maneira de contorná-la. No procedimento materialista de Adorno, não se deve partir de premissas abstratas, postas *a priori*. É preciso aceitar o material imperfeito que se recebe (Adorno, 2008). Eis a importância de se reconhecer o papel das formas concretas da subjetividade em meio a esse contexto.

A propósito, a valorização destas outras dimensões que não a econômica na conformação da realidade contemporânea já transparecia de maneira evidente no programa de estudos do Instituto de Pesquisa Social sob a direção de Max Horkheimer. Segundo Fleck (2017), esse programa colocava em relevo a necessidade de se aprofundar o estudo das conexões entre os

processos econômicos, o desenvolvimento psíquico e as transformações culturais. Ele se pautava em três eixos: 1) uma abordagem interdisciplinar e fundada na negação do desmembramento da teoria social, desmembramento esse que teria produzido um afastamento entre pesquisa teórica e empírica, as quais o Instituto desde os anos 1930 tentou reaproximar; 2) uma ênfase materialista conforme a qual deve constar, no quadro da dialética, a "primazia do objeto"; 3) um escopo prático visando sempre a emancipação, já que o teórico nunca deixa de ser ele mesmo um cidadão. Em suma, temos o seguinte: "Interdisciplinaridade; vínculo da pesquisa empírica com a especulação conceitual; prioridade do objeto; ênfase no diagnóstico de época; ausência de fundamentação normativa; anseio emancipatório e radical independência teórica e reflexividade" (p. 116).

Isto posto, percebe-se que, alinhada às diretrizes de estudo do Instituto de Pesquisa Social, a proposta filosófica de Adorno se vinculava a um programa que pretendia compreender e estabelecer vias de superação para os conflitos da sociedade capitalista sem se limitar a uma análise economicista dela, passando por uma teoria do conhecimento que pode ser descrita como uma metacrítica da filosofia sensível àquilo que Benjamin (1987/1942, p. 226) se referia como "a tradição dos oprimidos". Nas palavras de Safatle (2009, p. 107), trata-se de um movimento: "...entre crítica da razão, crítica do sujeito e crítica social" que dá vazão não só ao escrutínio rigoroso de outras tendências competindo para a produção da realidade, como desbloqueia a possibilidade de outros agentes, que não unicamente o proletariado, se apresentarem como sujeitos de uma transformação social radical.

Além desta abertura à percepção da emergência de outros sujeitos da transformação revolucionária, sob a perspectiva de Adorno temos também uma modificação no nível das estratégias a serem mobilizadas a fim de alcançar o objetivo emancipatório. Como mencionado antes, com a falência das possibilidades de se evocar uma consciência pautada tão somente pela identidade de classe, emergem estratégias outras de tradução da verdade do mundo não livre a partir de uma gramática que se expressa sob a forma do sintoma, privilegiando-se com isso o registro do sofrimento social tributário dos processos de reprodução da ordem vigente. É tendo isto em vista que, evocando o pensamento adorniano,

Safatle (2008; 2018) se autoriza a mobilizar as estratégias de uma mutação no padrão da crítica que considera a constatação psicanalítica de que a vida na sociedade ocidental contemporânea se estrutura feito um sistema de cicatrizes. Não à revelia da realização da norma, mas por causa dela.

Neste sentido, sendo fiel à sua apreciação da realidade fraturada, Adorno visualizava na subjetividade uma: "...precondição da transcendência do status quo" porque: "...a verdade não pode ser reduzida a um reflexo daquilo que existe na totalidade social do momento" (Jay, 1988, p. 66). Não à toa: "O potencial emancipatório da psicanálise [...] está intimamente ligado à sobrevivência do indivíduo" (p. 83). Este último não está essencial e permanentemente separado do social, e não pode ser ignorado na superação da dicotomia que ambos constituem hoje. Como a perlaboração das resistências não implica a sua prévia ou mesmo futura plena dissolução, a emancipação também não pode contar com uma transformação tão brusca. Ela precisa trabalhar, isto sim, em meio às contradições do existente.

Mais ainda, deve-se ter em mente que a fragmentação da totalidade, a sua atomização, manifesta-se hoje não só no reconhecimento de novas formas de produção da vida material e concomitante complexificação das forças produtivas, nem apenas nas novas dinâmicas de resistência que as acompanham, com o reconhecimento de ainda outros despossuídos e com o potencial emancipatório a ser explorado mediante a própria condição mutilada da individuação. Ela se manifesta também na compartimentalização e na produção do saber, fenômeno este substancializado a partir do início do século passado na própria arquitetura universitária, com a hegemonia dos moldes estadunidenses (Farr, 2002).

É por esta razão que a proposta interdisciplinar de Adorno é seguir a tendência imanente que conecta cada conteúdo singular a características mais gerais da totalidade social, tendência essa que, como afirma Cohn (1985), sob o regime capitalista, remonta a referenciais econômicos, como à difusão do princípio da equivalência da troca - que é um tema que Adorno e Benjamin encontraram na leitura de Lukács (Mittelmeier, 2024). Com isso, assegura-se: "... o primado do geral abstrato e formal sobre o particular concreto e substantivo, da identidade sobre a diferença" (p. 12). De modo que, em especial neste âmbito propriamente metodológico, podemos dizer

que Fleck (2017) tem toda a razão ao afirmar que era contra a referida fragmentação que a teoria crítica se posicionava.

No que tange a esta questão, as teses de Adorno desdobram diversos paradoxos: a fragmentação é verdadeira na medida em que expressa no "reino cognitivo" a dicotomia da condição humana, sendo ao mesmo tempo falsa porque a sua expressão particular não deveria nunca ser pensada como uma espécie de dado invariável da natureza. Existem duas concepções de verdade fundamentando essa formulação ambígua cuja estrutura é muito comum na obra de Adorno: a "descritiva" e a "normativa", ou seja, como as coisas são e como elas deveriam ser, mesmo que sob um manifesto da negatividade. Pois a verdade normativa se dá a ver em especial nos "vestígios, ruínas ou prefigurações" de outra realidade, não tendo presença em meio ao existente por ter se retirado do "falso todo presente" (Jay, 1988, p. 58). Não havendo, portanto, uma teoria normativa da verdade em Adorno. Para ele, a "fuga da verdade" é anterior à "generalização do mundo administrado", e remete à separação entre mente e mundo material, pois: "... o domínio da natureza ocorreu tão logo a condição primal do homem de parte da natureza foi transcendida e esquecida" (p. 59).

Em *Dialética do Esclarecimento* temos acesso a uma ampla análise deste processo de esquecimento, com a aniquilação das qualidades e a subsunção do mundo ao primado da unidade do universal, sendo a situação capitalista e suas nuances senão uma forma histórica mais recente desse movimento catastrófico (Adorno & Horkheimer, 1947/1985). Pois o domínio da natureza, em paralelo a esta "obliteração", interligou-se ao controle social, ou talvez nunca tenha estado de fato separado dele[2]. E, nesse ínterim, a verdade precisou ser relegada ao que Safatle (2019) chamou de "latência da existência", por nunca haver realmente sequer existido em meio à falsidade do presente.

Segundo Jay (1988, p. 16), mesmo criticando a separação total que impera sobre as: "...relações sutis existentes entre as dimensões subjetiva e objetiva, particular e universal, histórica e natural" de fenômenos complexos, componentes da totalidade, o modelo alternativo de Adorno: "... não implica unidade perfeita [...] ou um retorno a uma condição original" (p. 59). Na verdade, Adorno não nutria simpatia por aspirações no sentido do resgate de estruturas ou experiências perdidas, não à

toa denominadas por ele de pré-reflexivas: "toda filosofia que lamenta as origens perdidas da unidade entre humanidade e o mundo ou que identifica a utopia com a futura realização dessa unidade é não apenas errônea, mas também potencialmente perniciosa" (p. 60).

O elemento narcísico subjacente ao fenômeno do fascismo foi somente um exemplo deste potencial pernicioso que, na ativação dos mecanismos de um eu amedrontado, concedeu à natureza sua vingança. Apesar dos prejuízos causados pela separação entre mente e natureza - e entre aquelas demais relações sutis, neste nível entendidas como derivadas -, a separação foi também progressista. Pois como: "... nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie" (Benjamin, 1987/1942, p. 225), ela trouxe, de um lado, a alienação e, de outro, a reflexão.

Neste sentido, a proposta de Adorno não implica em nenhuma espécie de retorno monístico. Ao mesmo tempo, ela também não se demora na afirmação de uma diferença que só aparece como tal ao pensamento que ainda se apoia na perspectiva universalista (Dews, 1996). A mesma ideia aparece em *Dialética do esclarecimento*, demonstrando a desconfiança de Adorno em relação ao ímpeto de retorno ou ao recurso inadvertido a um manejo demasiado apaixonado dos polos detratados da totalidade cindida contra um falso universal:

> Quaisquer que sejam os mitos de que possa se valer a resistência [contra o esclarecimento totalitário], o simples fato de que eles se tornam argumentos por uma tal oposição significa que eles adotam o princípio da racionalidade corrosiva da qual acusam o esclarecimento (Adorno & Horkheimer, 1947/1985, p. 19).

No entanto, se Adorno não pretende reconstituir a unidade nem retornar às origens, que solução ele oferece para os erros cometidos pela epistemologia contemporânea em face do caráter fragmentário da totalidade existente? Vejamos o que ele próprio tem a nos dizer sobre isso. No caso, referindo-se à divisão entre psique e sociedade, para a qual valeriam as mesmas formulações expostas acima:

> Não se pode, entretanto, retirar a base dessa falsa consciência através de um decreto metodológico. Os seres humanos não conseguem reconhecer-

> se na sociedade, e esta não se reconhece em si mesma, porque eles são alienados entre si e em relação ao todo [...] a falsa consciência é ao mesmo tempo correta: vida interna e vida externa estão cindidas uma da outra (Adorno, 1955/2015, pp. 74-75).

A resolução de Adorno implica, portanto, a dialética. Para pensar a totalidade, seja no campo das suas determinações, seja na compartimentalização do saber e no correlato desmembramento da teoria social, seja na dicotomia entre sujeito e objeto, entre psique e sociedade ou livre arbítrio e determinismo, será preciso aceitá-la da maneira crua como ela se apresenta a princípio. Será preciso aceitá-la, portanto, em sua manifestação completa, acolhendo o contraditório. Com efeito, diante da totalidade fragmentária, o pensamento precisa ser ele próprio relutante quanto à utopia da reconciliação e, menos que atenuar os antagonismos em nome de um contínuo que só existiria apartado do atual estado de coisas - em um pensar, digamos, "entregue a seu próprio elã" - ele precisa, ao contrário, explorar o momento de verdade presente na falsa experiência, trabalhando em meio às suas tensões (Adorno, 1967/2015, p. 199).

Nexos entre Psique e Sociedade

Segundo Cabot (2018), foi no ano de 1927, durante a produção da sua tese de habilitação à docência, que Adorno consolidou uma primeira leitura acerca da metapsicologia freudiana[3]. Embora sua tese, intitulada *O conceito de inconsciente na doutrina transcendental da alma*, contivesse proposições que ele iria desenvolver em debates posteriores - por exemplo, contra os chamados revisionistas, sobretudo Karen Horney e Erich Fromm, trata-se de um trabalho representativo, junto aos demais textos publicados postumamente em 1973 sob o título original de *Philosophische Frühschriften*, de uma transição no centro de gravidade da filosofia adorniana. G*rosso modo*, este trabalho participa da passagem do idealismo ao materialismo, cujos efeitos se fizeram sentir na atitude de Adorno em relação à psicanálise.

Na supracitada tese, após certo afastamento devido à sua estadia em Viena, Adorno mergulhou mais uma vez na filosofia transcendental por duas razões complementares: primeiramente, devido ao fracasso da tese

de Walter Benjamin dois anos antes; e, em segundo lugar, por ainda não se sentir seguro o suficiente para propor uma ideia original (Wiggershaus, 2006). Pois, àquela altura, ele já possuía familiaridade com o marxismo heterodoxo e, ainda que em nenhum momento houvesse se engajado diretamente em ativismo e militância política, ele exercia o mesmo tipo de crítica imanente da ideologia presente na leitura hegeliana de Marx, comum entre os trabalhos de seus colegas artistas e intelectuais mais ou menos vinculados à órbita do Instituto de Pesquisa Social (Jay, 1988).

Não à toa, Adorno precisou admitir mais tarde que nesta sua abordagem inicial do inconsciente havia cometido um erro. Por mais nobre que fosse o esforço de tentar evitar a substancialização do conceito, seu erro se dera devido aos resquícios de sua fidelidade à filosofia transcendental de Hans Cornelius, seu orientador. De modo que, em virtude desse vínculo pragmático, Adorno assume haver subestimado o "momento materialista" presente no pensamento de Freud, para quem o conceito de natureza se encontrava mediado e, portanto, comportava a ideia de uma "determinação social" da instância individual (Cabot, 2018, p. 63).

Isto posto, temos que o estabelecimento de um quadro mais ou menos estável no tocante à obra de Adorno implica, ao fim e ao cabo, o manejo de um conjunto determinado de elementos em meio aos quais a ênfase idealista, embora não tenha desaparecido completamente - aparecendo como figura do contraponto ou como momento da dialética -, perdeu centralidade para uma abordagem materialista. Segundo afirma Safatle (2019, p. 198), a referida transição ao materialismo não teria meramente produzido efeitos sobre o papel da psicanálise no interior da obra adorniana. Na verdade, essa passagem teria se dado precisamente na e pela psicanálise:

> Tal passagem esclarecerá a importância dada ao horizonte mais materialista do pensamento freudiano sobre a estrutura da motivação para a ação. Ela ainda nos mostrará como a teoria adorniana do sujeito não-idêntico se realiza através do reconhecimento da complexidade de sua corporeidade (Safatle, 2019, p. 198).

Ainda de acordo com Safatle (2019, p. 185), as "coordenadas históricas" do fortalecimento da relação de Adorno com a psicanálise se situam entre os anos de 1945 e 1955. É nesse período que ocorre

a publicação de textos como *Dialética do esclarecimento* (Adorno & Horkheimer, 1947/1985), *Estudos sobre a personalidade autoritária* (Adorno, 1950/2019) e *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* (Adorno, 1951/2015). É possível observar nesses trabalhos conexões com a linha de pesquisa aberta pelo Instituto de Pesquisa Social ainda na década de 1930, as quais se dão em especial no modo como a psicanálise figura ali, como instrumento para se pensar a dimensão da psique individual em sua relação com a sociedade e os processos sociopolíticos, assim como os mecanismos mediante os quais a primeira se submete aos últimos - ou se rebela contra eles. Tratava-se fundamentalmente, em todos esses casos, de tomar: "...como objeto explícito os mecanismos psicológicos da regressão social colocados em operação pelo fascismo" (Safatle, 2019, p. 185). Em outras palavras, tais pesquisas consideravam:

> [...] que as convicções políticas, econômicas e sociais de um indivíduo frequentemente formam um padrão amplo e coerente, como se unidas por uma 'mentalidade' ou por um 'espírito', e que esse padrão é uma expressão de tendências profundas em sua personalidade (Adorno et al, 1950/2019, p. 71).

Ou ainda que:

> [...] não se pode evitar o sentimento de que o material de propaganda de tipo fascista forma uma unidade estrutural com uma concepção comum total, seja ela inconsciente ou consciente, que determina cada palavra dita. Esta unidade estrutural parece se referir à concepção política implícita, bem como à essência psicológica (Adorno, 1951/2015, p. 154).

Isto significa dizer que o recurso à psicanálise na obra de Adorno parte do reconhecimento de que existem correspondências entre tendências psicológicas e tendências no campo sociopolítico. O primeiro modelo relativo a tais conexões talvez possa ser encontrado na associação que Freud (1913/2013) faz entre o tabu, instituição social, e a neurose obsessiva, fenômeno de ordem individual, sugerindo haver plataformas subjetivas específicas vinculadas a processos culturais específicos. Sob essa perspectiva, a abordagem freudiana das massas narcisistas é tomada como antecipação das mobilizações fascistas (Adorno, 1951/2015). Conforme Gomes (2011), a psicanálise: "... contribui para a formação da Teoria

Crítica do ponto de vista de dois aspectos: proporcionando elementos para uma crítica da cultura e permitindo a abordagem da relação entre indivíduo e cultura através da teoria da personalidade" (p. 83).

Para Adorno (1952/2015, p. 49): "Freud salvaguardou a essência da socialização ao se deter firmemente na existência atomizada do indivíduo". Fiel à sua abordagem micrológica, Adorno acolheu o conteúdo de verdade da teoria freudiana precisamente naqueles pontos em que ela foi mais atacada, pois Freud descreveu, por meio do indivíduo, traços de uma crise mais ampla e profunda, indicando "tendências históricas" sem sequer estar realmente preocupado em situar mudanças sociais: "...através do desenvolvimento de seu próprio trabalho, da escolha de seus temas e da evolução dos conceitos-guia" (Adorno, 1951/2015, p. 157). Para ele, a psicanálise era a única psicologia que investigava: "... seriamente as condições subjetivas da irracionalidade objetiva" (Adorno, 1955/2015, p. 72). Pois ela possui o potencial de refletir sobre aspectos centrais do estado geral de uma sociedade cujas cicatrizes da opressão são gravadas na alma individual.

No núcleo desta concepção reside o entendimento de que os procedimentos de legitimação dos vínculos sociais devem levar em conta: "... problemas ligados à racionalização das pulsões e do desejo", o que força a análise a partir do "ponto indissociável de interface entre individualidade e vida social" (Safatle, 2008, p. 117). O modelo psicológico de Freud é então convocado para pensar o polo da individualidade do modo como ele se apresenta no mundo burguês decaído: a vida danificada. Conjugando essa abordagem ao marxismo hegeliano, Adorno coloca a psique ao lado dos fatores socioeconômicos e do domínio da razão como desempenhando um papel na determinação do movimento dialético da história, movimento esse entendido como teleologia não realizada, não progressiva e sem ponto final (Sherratt, 2004).

Com isso, conforme explicitado por Jay (1988), Adorno arranja um espaço para a individualidade na luta pela emancipação. Pois para ele, embora a individualidade fosse, em última instância, um produto secundário, ela inevitavelmente participava das condições materiais e deveria, portanto, ser manejada não apenas contra essas condições, mas também no sentido de melhor compreendê-las. Aqui, como na teoria da cultura de Freud, a

individualidade parece oscilar de forma não linear entre a barbárie e uma espécie muito particular de amadurecimento. Com ênfase, ao menos no caso da "civilização" ocidental, no retorno pendular àquele primeiro estado, a despeito de todo o verniz com que esta se recobriria.

Para Freud (1913/2013), pode-se dizer que no polo do progresso civilizatório constam as culturas que chegaram na fase científica - adulta -, com seus mecanismos refinados de síntese, recalque, sublimação e mitigação real da ambivalência. Enquanto no polo da regressão estariam aquelas culturas outras em cujas formas históricas permaneceriam gravitando com maior intensidade os complexos infantis, conflitos e defesas mais arcaicas - sociedades entendidas como animistas ou religiosas. Para Adorno (1951/2015), apesar do evolucionismo escancarado dessa visão, Freud teria sido capaz de reconhecer em dados momentos a dialética do progresso e, portanto, a insistente continuidade dos elementos regressivos em todos os "diferentes estágios" da cultura, inclusive na civilização europeia, cuja autodefinição pretendia se opor de forma absoluta às noções de barbárie e primitivismo, projetadas no outro civilizacional.

Mas as concepções adornianas de emancipação, maturidade ou autonomia individual não coincidem com as aspirações evolucionistas e iluministas de Freud. Em primeiro lugar, no entender de Adorno, uma tal hierarquização entre as culturas teria sido retratada como operador vinculado ao processo violento do Esclarecimento, que culminou na modernidade capitalista e sua racionalidade unitária – como de fato o foi no *Dialética*. Afinal, embora o esclarecimento definitivamente faça parte do processo emancipatório, sob essa perspectiva ele também faz parte de seu oposto. Portanto, a emancipação jamais poderia se limitar a ele - para Adorno, a razão não irá nos salvar – e passar ao largo de fatores de ordem estética e sensível. De modo que, com efeito, utilizar a força do sujeito contra ele próprio não implicaria demorar-se no esclarecimento de qualquer modalidade identitária sintética, mas em recuperar, em tal movimento, as forças de desintegração representadas pelas pulsões parciais, ainda capazes de gerar o diferente e, assim, mais próximas da verdade da própria pulsão.

As pulsões parciais, segundo Roudinesco e Plon (1998), constituem parte fundamental da sexualidade infantil. Elas não são pulsões categoriais, as quais Freud rejeitava, mas sim a forma de expressão da

sexualidade em dado estágio do desenvolvimento dos sujeitos. Elas se manifestam, a princípio, atreladas à noção de apoio, pois surgem associadas a atividades somáticas como a nutrição, a excreção etc. As zonas associadas a tais processos com o tempo adquirem autonomia na medida em que são erogeneizadas, dando início à fase do autoerotismo e, concomitantemente, do narcisismo primário. Conforme Freud (1905/2016), contudo, como atestam os casos de histeria, qualquer parte do corpo pode se transformar em uma zona erógena. As pulsões parciais, portanto, representam toda uma gama de possibilidades de constituição subjetivas anteriores ao estabelecimento da síntese genital que dialetiza construção e determinação. Em outras palavras, elas representam experiências abertas e fragmentárias que apontam para a particularidade do conceito psicanalítico de pulsão, de desejo e de sexualidade humana e a sua importância para a constituição psíquica dos sujeitos e para a forma como eles se relacionam em sociedade.

Ademais, não seria possível tratar a liberdade do indivíduo apartada da liberdade social por meio da teoria de Adorno. Pois, conforme a sua concepção de sociologia, indivíduo e sociedade são categorias de mediação mútua (Adorno, 1968/2008). Não à toa sua concepção de personalidade autoritária - quer dizer, a própria possibilidade de se tecer e trabalhar com tipologias - é função de um contexto social e histórico que fundamentalmente produz indivíduos enrijecidos, enquanto as personalidades "não-autoritárias" se apresentariam sob uma multiplicidade de formas e dinâmicas (Adorno, 1950/2019). Do mesmo modo, mais que um fato, um dado imediato da natureza, a continuidade entre particular e universal, que justifica seu método e está por trás do esvaziamento da categoria "indivíduo", é compreendida por Adorno como um fator contingente ao momento histórico.

Neste sentido, como enfatizam Crochík et al. (2015), o recurso de Adorno à psicanálise não se caracteriza por uma relação plena e harmoniosa. De fato, não faltam passagens nas quais o aguilhão da crítica se dirige ao próprio Freud. De modo que aqui se pode tirar proveito da esquematização de Freitas (2016, p. 34), para quem a relação de Adorno com a psicanálise deve ser entendida a partir de uma atitude ambígua: ora a psicanálise aparece como "instrumento de análise", ora como "objeto

da cultura" - por conseguinte, passível de ser criticado. Essa ambiguidade pode ser mais bem compreendida se recorrermos a um trecho da correspondência trocada entre Max Horkheimer e Leo Löwenthal, onde este último pede indicações ao primeiro sobre como responder a um questionamento acerca da opinião do Instituto de Pesquisa Social a respeito de Freud e obtém a seguinte resposta:

> Onde é necessário, nós temos de referir ortodoxamente aos primeiros escritos de Freud. O conjunto de conceitos conectados à pulsão de morte são categorias antropológicas (no sentido alemão da palavra). Mesmo onde nós não concordamos com a interpretação e uso que Freud fornece acerca deles, consideramos que sua intenção objetiva está profundamente correta (Horkheimer como citado em Jay, 1974, p. 102).

Neste ponto notamos que, se a grande questão desdobrada pela filosofia adorniana é a questão do sujeito, como afirma Safatle (2009), a psicanálise comparece não só como ferramenta para compreender a conformação da subjetividade em um dado momento histórico, mas também como ferramenta para transcendê-la. Pois, de um lado, ela fornece o quadro conceitual em termos do qual se torna possível a apreensão dos efeitos atuais das tendências sociais objetivas sobre os processos de constituição das subjetividades. E aqui as criações da cultura, como a música, são constituídas tendo certa concepção de sujeito como referência - ou melhor, ambos, o sujeito e as formas da cultura, organizam-se de acordo com certa racionalidade -, com o caráter atomizado do indivíduo freudiano expressando em sua falsidade a verdade de uma realidade que assim estava e permaneceria ordenada (Safatle, 2009). Isto é, sob o signo da omissão da determinação social da condição individual, que então passaria a experimentar a sociedade como força externa, intrusiva e incontrolável.

De outro lado, a concepção psicanalítica do desenvolvimento psicossexual ofereceria as bases para a inflexão que vai culminar em uma proposta de sublevação, enfatizando-se aí a potência revolucionária dos momentos pré-genitais de organização da sexualidade. Esta leitura se faz nítida, por exemplo, naquela parte da obra de Adorno que, seguindo suas próprias categorias, podemos nomear "palavra falada". Em uma conferência acerca dos tabus relativos à profissão de ensinar, por exemplo, as pulsões

parciais aparecem como elementos que, nos estudantes, resistem contra a socialização realizada através dos professores e das instituições de ensino (Adorno, 1965/2020). Ao passo em que, em outra conferência sobre tabus sexuais e direito na Alemanha dos anos 1960, Adorno chama a atenção para o risco de se hipostasiar tais elementos, isto é, as pulsões parciais, sob a materialidade de suas representantes sociais - sendo este, a propósito, o mecanismo mesmo da falsa liberação da sexualidade, das mulheres, dos homossexuais etc. (Adorno, 1967/2015). Com isso, por meio da reabilitação das pulsões parciais, mover o sujeito contra si mesmo significaria obrigá-lo a operar, em certa medida, a sua própria desintegração, ou ao menos a esclarecer-se com relação ao que há de regressivo na supervalorização da identidade genital, que seria a própria identificação com o poder, associada, por seu turno, ao ato de impor tabus.

Cabe aqui, contudo, uma advertência final quanto à diferenciação entre o manuseio de tais regimes pulsionais e a "desintegração psíquica" enquanto processo patológico. Esta é uma questão que vai além do profissional médico ou da saúde com seus laudos e manuais de diagnósticos. Do mesmo modo que se diferencia um ritual ou comportamento religioso de um sintoma obsessivo ou mesmo esquizofrênico, tais determinações parecem remeter a um juízo mediado sobretudo pela realidade social como um todo, da qual os especialistas são apenas uma esfera bastante restrita. Fora isso, o tipo de desintegração referido por Adorno não vai tão longe a ponto de recomendar qualquer espécie de irracionalismo ou elogio inadvertido da "loucura". Trata-se, em última instância, da contestação de formas subjetivas reificadas, cristalizadas sob um processo de reprodução social fundamentalmente violento e antagônico.

No que se refere ao caráter da sexualidade dita normal, vale lembrar que, tendo em vista o seu papel nos processos de subjetivação, Freud (1916/2019, p. 206) é categórico: "O que se nomeia sexualidade fora da psicanálise diz respeito apenas a uma vida sexual restrita, a serviço da reprodução e chamada de normal". Trata-se, portanto, de desbloquear o potencial criativo podado pelo avançar da socialização das pulsões, apontando-se com isso para um ponto de contato entre os conceitos de liberdade e sexualidade. Assim a psicanálise se constitui, na articulação com uma outra teoria social, enquanto uma espécie de ética. Ou, talvez mais precisamente, enquanto

um procedimento de descrição da formação de tipos antropológicos, com enfoque na produção da cultura subjetiva, que mais do que fornecer guias morais comporta em si uma atitude crítica e reflexiva.

Considerações Finais

Por meio desta sistematização pudemos observar como Theodor Adorno pretendeu dar conta das condições de emergência do pensamento crítico no contexto do capitalismo tardio. Para tanto, ele se desvencilhou da ortodoxia marxista, valorizando outras dimensões concorrentes à determinação dialética da história, como a cultura e a subjetividade. Nesse empreendimento, a psicanálise adquiriu grande importância em sua obra, de modo a se fazer notar na formulação, nas análises e nas resoluções dos problemas suscitados por ele.

Já quanto à maneira como a psicanálise se faz presente nas ideias de Adorno de uma forma geral, vale ressaltar que ela tampouco se caracteriza por uma abordagem ortodoxa dos ensinamentos de Freud. Pelo contrário, a psicanálise mobilizada por ele traz consigo uma implacável reflexividade quanto aos seus próprios limites em relação ao horizonte histórico e cultural. Como apontado anteriormente, ela só faz sentido na medida em que permite explorar suas duas dimensões constitutivas: a de instrumento crítico-analítico e a de objeto cultural passível de ser, ela mesma, analisada e criticada.

Sob esta perspectiva, mais do que mera teoria e técnica de elucidação e controle das manifestações ontológicas da psique humana, a psicanálise denunciaria a plasticidade de tal ontologia, a qual, na fricção com os processos sociais, passa por modulações constantes. De modo que podemos afirmar que a psicanálise se circunscreve no pensamento adorniano sobretudo como elemento capaz de fornecer as ferramentas necessárias à produção de uma narrativa antropológica acerca da formação do sujeito na era moderna, sendo a centralidade de tal inflexão rumo ao sujeito menos um traço da natureza mesma das coisas do que um aspecto do próprio momento histórico.

É neste sentido que a apropriação adorniana da psicanálise articula temas de diferentes domínios do saber, como a filosofia e as ciências

sociais, produzindo então ricas contribuições para todos eles. Esta abordagem permite, por exemplo, vislumbrarmos uma concepção teórico-metodológica que não visa o fortalecimento das fronteiras disciplinares, mas sim o reconhecimento do seu duplo caráter: útil e, ao mesmo tempo, ilusório. Assim, ao associar a psicanálise a uma teoria social distinta daquela referida por Freud, Adorno abre caminhos para pensarmos não apenas os objetos a partir de uma nova ótica. Com tal atitude, ele problematiza a própria organização do campo do conhecimento.

Os impactos desta problematização vão além da proposição de uma abordagem interdisciplinar, como se fosse possível somar os resultados das ciências particulares, a psicologia e a sociologia, de modo a encontrar, a meio caminho, o ponto de interseção entre o individual e o coletivo. Trata-se, isto sim, de reconhecer e desenvolver um trabalho sobre o caráter contraditório, não integrável desses diferentes níveis fenomênicos, no centro do qual consta uma abordagem eminentemente dialética que se evidencia em vários momentos da teoria de Freud, seja no que se refere à psicologia individual e social, seja no que se refere às noções de filogênese e ontogênese.

Referências

Adorno, T. (2008). *Introdução à sociologia.* São Paulo: Editora Unesp. (Obra original publicada em 1993).

Adorno, T. (2009). *Dialética Negativa*. Zahar. (Obra original publicada em 1966).

Adorno, T. (2015). A psicanálise revisada. In Adorno, T. *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise* (pp. 43-70). São Paulo: Editora Unesp. (Obra original publicada em 1952).

Adorno, T. (2015). Sobre a relação entre sociologia e psicologia. In Adorno, T. *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise* (pp. 71-136). São Paulo: Editora Unesp. (Obra original publicada em 1955).

Adorno, T. (2015). Tabus sexuais e direito hoje. In Adorno, T. *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise* (pp. 199-228). São Paulo: Editora Unesp. (Obra original publicada em 1967).

Adorno, T. (2015). Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In Adorno, T. *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise* (pp. 153-190). São Paulo: Editora Unesp. (Obra original publicada em 1951).

Adorno, T. (2019). *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora UNESP. (Obra original publicada em 1950).

Adorno, T. (2020). Educação – Para quê?. In Adorno, T. *Educação e Emancipação* (pp. 151-168). São Paulo: Paz e Terra. (Obra original publicada em 1967).

Adorno, T. (2020). O que significa elaborar o passado?. In Adorno, T. *Educação e Emancipação* (pp. 31-54). São Paulo: Paz e Terra. (Obra original publicada em 1959).

Adorno, T. (2020). Tabus acerca do magistério. In Adorno, T. *Educação e Emancipação* (pp. 105-128). São Paulo: Paz e Terra. (Obra original publicada em 1965).

Adorno, T., Horkheimer, M. (1985). *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1947).

Augras, M. (1982). As fontes explícitas da obra antropológica de Freud. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, 34(2), 3-15.

Benjamin, W. (1987). Sobre o conceito de história. In Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura (pp. 222-234). São Paulo: Editora Brasiliense. (Obra original publicada em 1942).

Cabot, M. (2018). Adorno apropiándose de Freud: la crítica del concepto de "inconsciente" em la tesis de 1927. *Daimon*: Revista Internacional de Filosofia, (73), 55-66.

Cohn, G. (1986). Adorno e a teoria crítica da sociedade. In Cohn, G. (Org.). *Theodor Adorno*: sociologia (pp. 7-30). São Paulo: Editora Ática.

Crochík, J. L., Dias, M. A., Silva, P. F. (2015). Crítica à psicanálise como fundamento da psicologia social de Adorno. *Constelaciones* – Revista de Teoria Crítica, (7), 322-342.

Dews, P. (1996). Adorno, pós-estruturalismo e a crítica da identidade. In Zizek, S (Org.). *Um mapa da ideologia* (pp. 51-70). Rio de Janeiro: Contraponto.

Duarte, R. (2021). O movimento estudantil alemão na década de 1960 e a teoria crítica da sociedade: algumas anotações. *KRITERION*, Belo Horizonte, Edição Especial, 207-223.

Dunker, C. (2015). Apresentação à edição brasileira. In Adorno, T. *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise* (pp. 11-42). São Paulo: Unesp.

Farr, R. M. (2002). A individualização da psicologia social. In Campos, R. H., Guareschi, P. A. (Org.). *Paradigmas em Psicologia Social*: a perspectiva latino-americana (2ª ed, pp. 11-26). Petrópolis: Vozes.

Fleck, A. (2017). Afinal de contas, o que é teoria crítica?. *Princípios* – Revista de Filosofia, *24*(44), 97-127.

Freitas, B. (2016). *Psicanálise e crítica social em Adorno*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Freud, S. (2010). O tema da escolha do cofrinho. In Freud, S. *Obras Completas*: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (Vol. 10, pp. 204-252). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913).

Freud, S. (2013). *Totem e Tabu*: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913).

Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Freud, S. *Obras Completas*: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso Dora") e outros textos (Vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905).

Freud, S. (2020). O mal-estar na cultura. In Freud, S. *Cultura, Sociedade, Religião*: o mal-estar na cultura e outros escritos (pp. 305-410). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1930).

Gandesha, S. (2020). *Spectres of Fascism*: historical, theoretical, and international perspectives. London: Pluto Press.

Gil, A. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Gomes, P. B. R. (2011). *Psicanálise e teoria crítica*: a durcharbeitung freudiana em adorno. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Pará, Belém Brasil.

Jacoby, R. (1983). *The repression of psychoanalysis: Otto Fenichel and the political Freudians*. New York: Basic Books.

Jay, M. (1974). The integration of psychoanalysis. In Jay, M. *Dialectical Imagination*: a history of the Frankfurt School and the Institute of Social Research 1923-1950 (pp. 86-112). London: Heinemann Educational Books Ltd.

Jay, M. (1988) *As ideias de Adorno*. São Paulo: Cultrix.

Koch-Grünberg, T. (2009). Einführung. In: Koch-Grünberg, T. *Vom Roroima zum Orinoco:* ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren, 1911-1913 - zweiter Band - Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna-Indianer (pp. 3-30). Cambridge: Cambridge University Press. (Obra original publicada em 1916).

Marx, K., Engels, F. (2019). *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo. (Obra original publicada em 1845).

Mezan, R. (2019). Freud pensador da cultura. São Paulo: Blucher.

Mittelmeier, M. (2023). *Naples 1925: Adorno, Benjamin, and the summer that made Critical Theory*. New Haven & London: Yale University Press.

Neto, P. (2018). A atualidade da crítica de Adorno para as pesquisas qualitativas com bases empíricas em educação. *Veritas*, Porto Alegre, *63*(2), 744-764.

Rocha, N., Mariano, A, Nascimento, C. (2017). A práxis na construção da consciência de classe. *Colóquio Internacional Marx e o marxismo 2017*: de O capital à Revolução de Outubro (1867-1917), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Safatle, V. (2008). A transformação da crítica da razão em análise de patologias do social: o caso Theodor Adorno. *Philósophos*. Goiânia, *13*(2), 117-139.

Safatle, V. (2009). Theodor Adorno: a unidade de uma experiência filosófica plural. In Almeida, J., Bader, W. (Orgs.). *Pensamento Alemão no Século XX* (pp. 159-179). São Paulo: Cosac Naify.

Safatle, V. (2019). *Dar corpo ao impossível*. Belo Horizonte: Autêntica.

Sherratt, Y. (2004). Adorno's Concept of the Self: A Marriage of Freud and Hegelian Marxism. *Revue Internationale de Philosophie*, *227*(1), 101-117.

Simanke, R., Caropreso, F. (2018). Considerações preliminares acerca de um método histórico-conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise. In Fulgencio, L., Birman, J., Kupermann, D., Cunha, E. (org.). *Modalidades de Pesquisa em Psicanálise*: métodos e objetivos (pp. 55-68). São Paulo: Zagodoni.

Tupinambá, G. (2019). Depois da não-relação: pensar a compossibilidade entre psicanálise e marxismo após 2017. *Teoría y Crítica de la Psicología*, *13*, 185-205.

Wiggershaus, R. (2002). *A Escola de Frankfurt*: história, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro: DIFEL.

Zuboff, S. (2019). *The Age of Surveillance Capitalism:* the fight for a human future at the new frontier of power. New York: PublicAffairs.

Notas

[1] Trata-se de um movimento que hoje parece encontrar o seu ápice com o advento do capitalismo de vigilância, cuja dinâmica de comoditização de todos os aspectos da experiência subjetiva realiza, no plano objetivo, o que a episteme neoliberal já vinha implementando com a proposição de políticas econômicas que incidem e imperativos científico-filosóficos que versam sobre o funcionamento do ser humano (Zuboff, 2019). De modo que, se no século passado pôde-se apontar o consumo como uma espécie de segunda produção

capaz de restituir agência poética aos sujeitos e grupos submetidos à estereotipia do mercado devido ao fato de o consumo estar imerso em esferas ainda não administradas da vida, atualmente essas últimas trincheiras encontram-se, se não de todo dominadas, ao menos seriamente ameaçadas, sendo necessário refletir mais detidamente acerca das condições de emancipação no mundo decaído e renascido em dados.

[2] Para mais aprofundamentos acerca do desequilíbrio na ordem da razão que subjaz ao processo de reificação no mundo moderno, sugerimos consultar Silva (1997). Que essa tendência de deslocamento do controle da natureza para o mundo social já houvesse se exprimido no mito, atestam-nos Freud (1913/2010), ao tratar de *O tema da escolha dos três cofrinhos*, e Koch-Grünberg (1916), em sua introdução ao volume 2 de *Vom Roroima zum Orinoco*, ao referir a gênese dos *Heroensagen*.

[3] O primeiro contato de Adorno com a psicanálise remonta ao período que ele passou em Viena a fim de aperfeiçoar seus estudos musicais com o círculo de Schönberg (Jay, 1988). Haveria ainda um segundo contato, igualmente determinante para a sua trajetória intelectual, ocorrido no quando da sua imigração para os EUA, momento no qual se deparou com um novo ecossistema epistemológico e com a interpretação local dos trabalhos de Freud e seus continuadores (Dunker, 2015).

Submetido em: 26/07/2023
Revisado em: 20/08/2026
Aceito em: 26/09/2026